



**Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República,
Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal boliviano La Razón
Publicada em 21 de agosto de 2009**

Jornalista: Que medidas o Brasil adotou para fazer frente à crise econômica global, com o objetivo de manter seu protagonismo entre os países emergentes?

Presidente: Em crises anteriores, o Brasil aplicou, sem êxito, a receita de cortes de gastos, que em muitos casos atingia os mais pobres, que mais precisam do Estado. A atual crise encontrou o Brasil em pleno crescimento, com um mercado interno fortalecido e fundamentos econômicos sólidos. Com base nesse patrimônio, conquistado ao longo dos últimos anos, o Brasil tomou medidas para atenuar a escassez de crédito, reduziu impostos de vários bens de consumo e aplicou outras medidas anticíclicas que se mostraram eficazes, tanto na manutenção da atividade econômica e do emprego quanto na proteção da renda dos mais pobres. Ao contrário de outras crises, fizemos questão de manter e ampliar a política de combate à pobreza e às desigualdades sociais e econômicas do país. Demonstramos que distribuição de renda de forma criteriosa (aumento do salário mínimo e do Bolsa Família, com critérios de condicionalidade) estimula o crescimento e vem ajudando a sustentar a atividade econômica no atual momento de crise. Ao mesmo tempo, o Programa de Aceleração do Crescimento, que lançamos em 2007, está injetando US\$ 250 bilhões na economia ao longo de 5 anos. Trata-se de uma política anticíclica permanente. Além de ajudar a ampliar e modernizar a infraestrutura de transportes, comunicações e energia – dando mais competitividade às nossas exportações – o PAC gera emprego e renda para muitos milhares de trabalhadores brasileiros, além de atrair investimentos estrangeiros. Além disso, serão construídas 1 milhão de novas casas como parte do programa “Minha Casa Minha Vida”. Todo esse esforço foi feito sem



abrir mão da prudência no manejo das contas públicas e teve como ponto de apoio um sistema bancário forte, no qual os bancos públicos têm papel fundamental. Assim, no momento em que o crédito desaparecia nas praças financeiras internacionais por temor aos “créditos tóxicos”, aqui no Brasil pudemos ampliar a liquidez, liberando o crédito e reduzindo as taxas de juros para o consumo e a indústria. Isto é uma revolução no Brasil, onde sempre reagíamos às crises com mais aperto, o que retardava ainda mais a retomada do crescimento quando as condições externas melhoravam.

Jornalista: Quais são os resultados mais destacados que se pode apontar das medidas adotadas?

Presidente: Brasil, China e Índia serão as grandes economias do mundo a crescer em 2009, apesar do impacto da crise. No caso brasileiro, isso é resultado direto da solidez econômica do País e das medidas anticíclicas adotadas para enfrentar a crise. Como consequência, deveremos ter um saldo de meio milhão de novos postos de trabalho. Já para 2010, contamos com uma recuperação da taxa de crescimento para algo entre 4,5% e 5% do PIB. É verdade que houve queda em nossas exportações, mas ela foi menor que o esperado inicialmente, pois, antes da crise, não nos deixamos iludir pela promessa de fazer dos grandes mercados industrializados a tábua de salvação para nosso comércio exterior. Tratamos de diversificar ao máximo nossos destinos e produtos. Assim, não fomos tão afetados pela forte retração dos países ricos, em particular os EUA. Com isso, apesar da forte queda em nossas exportações num primeiro momento, estamos mantendo um superávit importante nas nossas contas externas. Isto ajudou a preservar nossas reservas, que já estão na casa dos US\$ 220 bilhões, protegendo-nos contra novas tempestades. Ainda mais importante é o fato de que não houve reversão nos indicadores sociais, e mantivemos o processo de redução da pobreza. Isto foi fundamental, pois, do contrário, estaríamos agora administrando o impacto



da perda de empregos e salários.

Jornalista: A recente Cúpula da Unasul deixou clara a existência de diferentes correntes de esquerda na América do Sul. Os analistas disseram que o Sr. representa a esquerda moderada. Como o Sr. classifica, na região, a proposta política e o estilo de governo que o Sr. encarna?

Presidente: Creio que as diferenças são mais de forma do que de conteúdo. Nossos objetivos fundamentais são compatíveis e mesmo convergentes. Estamos todos empenhados em promover o crescimento com justiça social. Isto acontece porque o diagnóstico é claro: não haverá paz nem prosperidade duradouras na América do Sul enquanto persistirem os atuais índices de concentração de renda e de miséria absoluta.

Agora, cada governo tem suas estratégias, em função das características próprias de cada país. No caso do Brasil, já estamos colhendo os frutos de uma política que reconhece o papel do mercado, mas sabe que a lógica do lucro não garante uma sociedade harmoniosa. Sobretudo em sociedades que, por razões históricas, são profundamente desiguais, não basta deixar as coisas por conta do livre mercado. Somente o poder público pode prover aos mais vulneráveis acesso a condições mínimas de saúde, educação e emprego.

Ao mesmo tempo, são necessárias estratégias públicas para superar os gargalos estruturais em matéria de educação, saúde, energia e infra-estrutura (para dar apenas alguns exemplos) que impedem o desenvolvimento sustentável, sobretudo em países ainda em desenvolvimento. Aliás, o papel indispensável do Estado ficou muito claro na atual crise mundial. Diante da ameaça de falência generalizada de empresas e bancos, e perdas massivas de empregos, todos saíram à procura do socorro do Estado. Para evitar novas crises dessa natureza, é fundamental que o poder público regule e oriente a atividade econômica em nome do desenvolvimento sustentável e do bem-estar



do coletividade. É isto que nós queremos para o Brasil e para todos nossos vizinhos.

Jornalista: Quais são as coincidências mais importantes que o Sr. identifica na agenda dos líderes da América do Sul para a região?

Presidente: Isto nós estamos vendo na agenda da UNASUL. Todos os líderes da América do Sul concordam que o fortalecimento da infra-estrutura regional de comunicações, transportes e energia é vital para caminharmos na direção de uma real integração. Ao mesmo tempo, precisamos encontrar respostas conjuntas e coordenadas para os desafios de segurança na região, a começar pelo combate ao narcotráfico e ao crime organizado, em todas suas manifestações. Se assim agirmos, teremos melhores condições de superar as antigas rivalidades e diferenças que ainda hoje dificultam nosso diálogo e a construção de soluções conjuntas. É por essa razão que os líderes da UNASUL vão se reunir no dia 28 em Bariloche, na Argentina. Vamos discutir todas as questões pendentes e começar a propor respostas coletivas para os problemas que temos em comum, inclusive aqueles em torno dos quais ainda não há consenso. Precisamos abandonar o velho hábito de esperar respostas de fora ou simplesmente fingir que os problemas não existem. Em última análise, todos nós compreendemos que só conseguiremos avançar se estivermos juntos.

Jornalista: Que pode fazer a América do Sul para melhorar seu perfil no mapa econômico mundial, agora que os países asiáticos aumentam a cada dia seu peso na agenda global?

Presidente: A modernização e a maior competitividade de nossos centros produtivos é a solução. E a integração é o instrumento. Isto requer um espaço econômico unificado, capaz de superar a fragmentação de mercados e da



infra-estrutura na região. Só assim poderemos maximizar nossas vantagens comparativas no mapa econômico mundial. Como exemplo, posso citar o fato de que somos um continente com enorme potencial energético, mas onde apagões são corriqueiros. Somos uma potência agrícola invejável, mas onde há gente passando fome. Possuímos vastas riquezas minerais e setores industriais avançados, mas amplos segmentos sociais ainda vivem na marginalidade e pobreza extrema.

Concentrar esforços de forma permanente na qualificação de nossa mão-de-obra é igualmente muito importante, se quisermos entrar na era do conhecimento e da tecnologia. Como aproveitar o extraordinário potencial da diversidade biológica em nosso continente sem cientistas e técnicos capacitados? Como alavancar as vantagens e escala de um mercado de quase meio bilhão de consumidores quando muitos sobrevivem com apenas US\$ 1 ou US\$ 2 por dia?

Jornalista: Quais são os benefícios tangíveis da excelente relação pessoal e política entre os presidentes Lula y Morales para seus países?

Presidente: As relações entre países devem estar sempre acima das relações pessoais entre os governantes. Presidentes são passageiros, enquanto os Estados são permanentes. Precisamos ir além do imediato e pensar no longo prazo. Brasil e Bolívia, pelo muito que compartilham, sempre deverão caminhar juntos. Dito isso, é claro que o bom entendimento que existe com o Presidente Evo ajuda muito, porque nos permite tratar de qualquer assunto com plena franqueza e espírito de confiança, como deve ser. Isto contribui para que as relações entre os dois países estejam hoje em excelente nível.

Jornalista: Em que pontos se pode aprofundar a relação estratégica entre o Brasil e a Bolívia?



Presidente: O mais importante é que existe plena disposição política dos dois governos de seguir ampliando a cooperação, em todos os campos. O potencial é imenso. Estamos trabalhando juntos para aumentar o comércio, melhorar a integração física e energética, que tem entre um de seus projetos o pólo gás-químico, e combater as ameaças transnacionais. Em suma, construir uma América do Sul mais unida, socialmente justa e economicamente próspera. É dessa forma que garantiremos uma vida melhor para nossos cidadãos, onde quer que estejam.

Jornalista: O Sr. acredita que a Bolívia definiu seu futuro político e estratégico, com o presidente Evo Morales?

Presidente: O Presidente Evo Morales está à frente de um extraordinário processo de mudanças, que nós no Brasil acompanhamos com muito interesse e que conta reconhecidamente com o apoio da maioria do povo boliviano. Como em toda mudança profunda, há interesses contrariados e grandes obstáculos a serem vencidos. É preciso, assim, ter muita paciência e disposição permanente para o diálogo.

Jornalista: Quanto avançou a estratégia brasileira para incrementar o auto-abastecimento de gás natural e evitar a insegurança energética originada da situação boliviana?

Presidente: Como todos os países da região, e do mundo, o Brasil de hoje sabe da enorme importância de ampliar e diversificar sua matriz energética, para fazer frente ao crescimento de sua economia e estar preparado para eventualidades e picos de demanda interna de energia. Continuamos a contar com o gás boliviano. E é preciso que se diga de modo claro que esse gás nunca nos faltou. Vamos também trabalhar com afinco, como fizemos durante todo meu Governo, pela integração energética sul-americana, em benefício de



todos os nossos países. Brasil e Bolívia têm um papel muito importante a cumprir nessa tarefa, e estou convencido de que o futuro nos encontrará cada vez mais unidos e integrados. Se o Brasil e a região como um todo continuarem a crescer, como eu penso que acontecerá, haverá sempre demanda pelo gás da Bolívia.

Jornalista: A Bolívia precisa de mercados maiores para seus produtos. Em que casos se pode melhorar a relação comercial entre Bolívia e Brasil?

Presidente: O Brasil é um mercado natural para a Bolívia, por conta de nossa extensa fronteira comum e da capacidade de consumo crescente dos quase 200 milhões de brasileiros. Para que se tenha uma idéia do potencial de vendas no Brasil, basta dizer que, nos últimos cinco anos, cerca de 30 milhões de pessoas foram incorporadas à classe média. O comércio de gás nos transformou em sócios importantes, mas agora temos que ampliar e diversificar o perfil de nossa relação econômica. O Brasil não quer importar somente gás, mas cada vez mais manufaturados da Bolívia. Para isso, temos uma tarefa comum, de responsabilidades compartilhadas. Do lado do Brasil, precisamos criar mecanismos de abertura do nosso mercado. Do lado da Bolívia, é preciso fortalecer a capacidade dos empresários, sobretudo os pequenos e médios, para que possam entrar no mercado brasileiro. Creio que vários setores, como o de têxteis, oferecem potencial para aumento das exportações da Bolívia para o Brasil. Por outro lado, nossa relação comercial deve estar integrada à cooperação em ciência, tecnologia e inovação. Afinal, são essas as bases para uma integração em condições mais equitativas e vantajosas com o mundo.

Jornalista: O Brasil está em condições de financiar novos projetos de infraestrutura viária no país?

Presidente: Claro que sim. O Brasil já financia hoje alguns dos principais



projetos de infraestrutura viária que vão permitir à Bolívia tirar maior proveito dos benefícios de sua localização estratégica no coração da América do Sul. Estamos também dispostos a continuar a apoiar iniciativas e prioridades do governo boliviano em outros setores estratégicos, como o energético. O BNDES e o Banco do Brasil contam com recursos para financiar projetos em condições favoráveis, e o Brasil também participa com fundos em várias instituições que apóiam projetos regionais. O aproveitamento dos recursos naturais da Bolívia em favor do desenvolvimento nacional e a integração das diferentes partes de seu território são um patrimônio para o futuro de todos os bolivianos, e o Brasil pode e deseja contribuir para isso.

Jornalista: O Sr. sabe que o mercado brasileiro é um dos principais mercados para a cocaína boliviana. Como se pode melhorar a luta contra o narcotráfico por parte de ambos os países?

Presidente: É cada vez maior a cooperação entre Brasil e Bolívia no combate ao narcotráfico. E já podemos ver resultados positivos. Eu sei e o Presidente Evo também sabe que sempre haverá formas de tornar essa cooperação mais eficiente, e estamos dialogando nesse sentido. A ação repressora é fundamental, mas o problema das drogas não se restringe a um “caso de polícia”. Tem raízes sociais e econômicas profundas que devem ser atacadas em ambos os lados da fronteira. Do contrário, estaremos sempre voltando à estaca zero. Não podemos nunca esquecer que a droga é nociva para quem produz e para quem consome. Mas voltando à sua pergunta, uma das formas de melhorar a luta contra o narcotráfico é intensificar o que já estamos fazendo, ou seja: encarar de frente esse desafio, conversar abertamente a respeito e aprofundar nossa cooperação em todos os aspectos do problema, da produção ao consumo. No momento, estamos estudando programas coordenados de fiscalização e interdição do tráfico tanto nas regiões fronteiras, como nas rotas



de escoamento e comercialização. Adicionalmente, o Brasil estuda formas de colaborar no aparelhamento e treinamento das forças antidrogas bolivianas.

(\$31DHKM)